





FOTOS VANESSA RODRIGUES

O primeiro contato com os livros acontece durante a reunião do Clube de Leitura

“Para mim, representa a mudança de vida”

■ Há 4 anos e 8 meses, o paranaense Charles Wandrey Figueira, de 33 anos, está cumprindo pena na unidade de São Vicente. Se antes ele não tinha tanto interesse nos livros, hoje, depois do Clube de Leitura, lê sempre que não está em alguma atividade na penitenciária.

“Para mim, representa a mudança de vida. Eu era tímido e quase não falava. Foi uma mudança que os livros trouxeram para mim”, conta ele, que atua como um dos monitores do projeto.

Charles descobriu que gosta de ler histórias que trazem a superação. “A gente se coloca no lugar dos personagens, vê os bons exemplos e tira as lições dos livros”.

Ele conta que, em poucos meses de projeto, já percebeu uma mudança de comportamento nos colegas que participam. “Há uma procura maior por livros. Eles estão se sentindo mais à vontade com a escrita e querem mostrar isso para a família”.

EXEMPLO

George Marques dos Santos, de 35 anos, foi outro *contaminado* pela literatura. Ele garante que, apesar da remição de pena ser um dos atrativos, com o passar do tempo, o que conta mais é o gosto pela leitura: “Eu sempre fui muito preguiçoso. Agora, peguei gosto pela leitura. Quero passar esse hábito para os meus filhos, ter livros em casa para que eles sejam estimulados por esse tipo de aprendizado”.

Literatura, um caminho na busca da liberdade

Livros ajudam presos na remição da pena

EGLE CISTERNA
DA REDAÇÃO

O corpo está preso, mas a mente não. É com esse mantra que muitos integrantes do sistema penitenciário acabam adotando o hábito da leitura. Mas nem sempre o aprendizado e o prazer da leitura levam um preso a tomar a iniciativa de abrir um livro pela primeira vez. Alguns são estimulados pela possibilidade de ter a pena reduzida.

A Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel (Funap), vinculada à Secretaria Estadual da Administração Penitenciária, oferece o projeto de Clube de Leitura, dentro do programa Lendo a Liberdade, em conjunto com a Academia Paulista de Letras.

Na Baixada Santista, ele acontece nas duas penitenciárias de São Vicente e no Centro de Progressão Penitenciária de Mongaguá.

CLUBE

Com 55 títulos doados pela editora Companhia das Letras, cada clube conta com até 20 presos que recebem a indicação de uma obra e tem 30 dias para ler, debater e produzir uma resenha.

Logo no primeiro encontro, o grupo é recepcionado por mediadores, que explicam o projeto, falam um pouco da importância da leitura e do que ela pode proporcionar a quem coloca um livro no seu cotidiano.

Depois de 15 dias, o grupo volta para conversar sobre o andamento da leitura. É nesse momento que cada um fala um pouco do que

OS MAIS LIDOS

Entre os livros mais disputados nas unidades prisionais estão os de autoajuda, romances espíritos e policiais, enquanto os autores mais lidos são

Augusto Cury e Dan Brown. Agatha Christie, Franz Kafka, Aldous Huxley, Nicolas Sparks e Gabriel García Márquez também despertam o interesse dos presos.

entendeu do texto, das dificuldades encontradas e do que está aprendendo com a história escolhida. No final do mês, eles se reúnem para escrever as resenhas.

Com quase 2 mil homens sob sua responsabilidade, o diretor geral da Penitenciária II (PII) de São Vicente, Nilton Ribeiro Rumão, sonha em ampliar o projeto. “Há interesse deles, mas, para isso, precisaríamos de mais espaço”, conta. Hoje, o Clube de Leitura da unidade divide o espaço com as aulas formais.

Para a professora universitária e mestre em Língua Portuguesa **Ana Cecília da Costa**, além do acesso ao letramento, o contato com os livros ajuda os presos em outras áreas. “Eles acabam trabalhando aspectos culturais, emocionais e entram em contato com uma realidade até então desconhecida. É muito positivo”, avalia a **docente da UniSantos**.

A gerente regional da Funap da Grande São Paulo e Litoral, Grazielle Barbosa Lima, afirma que um dos pontos do trabalho é fazer com que o preso se expres-



O paranaense Charles Wandrey Figueira é um dos responsáveis pela biblioteca do Clube de Leitura

se no clube. “Ele participa e começa também a falar sobre as obras, despertando o interesse dos demais para o título”.

REMIOÇÃO

Além do conteúdo e do aprendizado, a leitura pode fazer com que o preso reduza o tempo de sua pena. Uma recomendação do Conselho Nacional de Justiça prevê que os estados podem elaborar projetos, prevendo que, para cada livro lido, o preso tenha a remi-

ção de quatro dias da pena, com o limite de 12 obras por ano. Ou seja, no máximo 48 dias de remição por leitura a cada ano.

Para que o processo seja validado pelo juiz da Vara de Execuções Criminais, não basta apenas o preso pegar o livro e escrever um texto. A resenha tem de demonstrar que ele realmente entendeu o conteúdo.

“Temos um convênio com a Universidade Anhangüera, de Itapeverica da Ser-

ra, em que os alunos de Pedagogia, sob supervisão de um professor, fazem o parecer das resenhas, avaliando se realmente o reeducando leu a obra”, explica Grazielle Barbosa Lima.

É esse relatório que segue para que o juiz analise a possibilidade de conceder a remição ao preso.

Na PII, como o projeto começou em outubro de 2018, por conta das férias dos universitários, os primeiros relatórios ainda não foram entregues.